



Sindicatos XS

No 1.º de Maio, breve retrato de alguns dos sindicatos cuja dimensão não ensombra o esforço dos seus líderes em prol do trabalhador. Porque a luta lhes está no sangue.

TEXTOS DE TERESA GENS FOTOGRAFIAS DE ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

A afinar esforços Sindicato dos Músicos

RECUSA-SE a tocar um *requiem* em honra do seu sindicato apesar de sobreviver num equilíbrio precário, tão precário quanto a maioria dos trabalhadores que representa, três mil, sem contas nem quotas em dia. Mas como se nega a fechar a porta do nº 72 D da Av. D. Carlos I, em Lisboa, desenhou um plano. Sob o lema “unidos venceremos”, o Sindicato dos Músicos vai aliar-se a outros pequenos sindicatos do ramo das Artes e Espectáculos, como o Sindicato dos Trabalhadores dos Espectáculos, liderado por Carmen Santos, cara conhecida até pelos mais pequenos, fãs do programa “Ilha das Cores”. Juntos formarão uma plataforma com mais peso político para defender uma classe profissional quase no grau zero em matéria de direitos. Adriano Aguiar, contrabaixo, professor e membro da Orquestra Sinfónica Portuguesa lidera — por “pura palermice” (palavras do próprio) — este quase secular sindicato. Lá, narram histórias escritas em cadernetas de recibos verdes, de precariedade total, de ausência de

denúncias por medo das represálias e explicam da impossibilidade de pedir greve a quem tudo dá só para ter um ganha-pão. Recordam o recente diploma que, “pretensamente”, viria regular o acesso à profissão e à Segurança Social — nomeadamente ao subsídio de desemprego por parte dos intermitentes — como “o último grande embuste”. “Com este diploma, que não serve para nada, em vez de uma intermitência por diversos patrões passa a haver uma intermitência para o mesmo patrão o que, desconfio, seja um ensaio para a Lei Geral do Trabalho.” Resumindo, não há moldura legal em que a tela dos músicos encaixe e, a partir daí, é uma deriva. Dos inscritos, apenas 10% trabalha por conta de outrem, a maioria não paga quotas e sem elas não há tesouraria. A ruptura seria para ontem, não fosse a algibeira da própria direcção. Embora não isentas de questiúnculas, estar numa das três grande orquestras (Gulbenkian, Sinfónica e do Porto) é uma espécie de oásis no mundo da música, conta Adriano Aguiar que, dentro de dias, a 19 de Maio, vai celebrar os cem anos do seu sindicato tocando no Jardim de Inverno do Teatro São Luiz. ■

ADRIANO AGUIAR
TEM POR LEMA
“UNIDOS VENCEREMOS”



Um brushing aos direitos Sindicato dos Profissionais do Penteadado

ESCONDIDO num poço, envolvido nos braços da mãe, Mémio lembra-se com nitidez dos tiros disparados pelo pai, o major médico Oliveira Nunes, um dos nomes da luta antifascista. Pelas mãos da mãe, a Celeste Gorda, a maior manicure de Lisboa, “passava a fina flor da capital” e também a papelada do sindicato dos profissionais de cabeleireiro que liderou. Não tem memória de uma vida sem lutas. Sempre reivindicou ordenado porque era um bom trabalhador. Que é como o sindicalismo faz sentido, diz. Na sua cadeira, no famoso Instituto Madame Campos, pertença da tia, as senhoras de Lisboa não dispensavam o *glamour*

MÉMIO OLIVEIRA NUNES
DEFENDE UM TERÇO DOS
12 MIL PROFISSIONAIS DO
SECTOR

de serem penteadas por mão máscula. Eram os tempos de Renzo Carlucci, o nº 1 no *ranking* do penteado. O homem que “tinha a Europa na mão”. O retrato do italiano, o grande arquitecto dos cabelos, jaz pendurado nas paredes do sindicato. Mémio foi um dos seus sucessores frente aos destinos daquela casa que defende, como pode, os direitos de quem trabalha à cadeira e dos demais que fazem a *mise-en-scène* num salão (praticantes e ajudantes de cabeleireiro). As grandes estruturas sindicais “tiraram capacidade negocial aos pequenos sindicatos”, garante. Nelas, são os maiores sindicatos quem mais ordena, os pequenos não têm voz. Mémio diz que até era melhor que o seu sindicato — que representa 1/3 dos 12 mil profissionais do sector — acabasse de vez e houvesse dois ou três representantes do penteado nas

grandes estruturas sindicais. Há quatro anos que a tabela salarial não é revista. Pela sua falta de poder negocial, pagam (como sempre) os mais fracos. “Quem está no topo pode exigir ordenado mas o ajudante ganha abaixo do salário mínimo nacional,” Os patrões esfregam as mãos e o sindicato não tem porta onde bater. Ironicamente, recorda que “no tempo da outra senhora” estavam mais defendidos. A negociação era directa com o Ministério do Trabalho, que hoje não os recebe. Também tem saudades dos penteados a sério. Pratica no centro de formação onde dá aulas quando a porta do sindicato, ali paredes-meias, está fechada. Sabe bem que os mais novos só conhecem o *brushing*: “Nos últimos 35 anos, os cabelos foram passados a ferro! Felizmente os anos 40 estão de volta.” ■

Estancar o efeito Ronaldo

Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol

A RONALDOMANIA tomou conta dos miúdos e, pior, dos pais, cheios de fé em ver no seu menino um bota-de-ouro. Como brotoeja, escolas de futebol surgiram de norte a sul alimentando o desejo. Este endeusamento é razão de dor de cabeça para o líder do SJFP, Joaquim Evangelista, que alerta: “Não pressionem os vossos filhos, a realidade do futebol está a anos-luz da vida de Ronaldo ou de Figo.” Logo à cabeça há o problema da empregabilidade, jeito palavroso de dizer que não há empregos para milhares de aspirantes a CR7. “Temos na 1ª liga mais estrangeiros do que portugueses e isto diz logo que a probabilidade de um jovem jogador vir a ocupar um lugar numa equipa principal é de menos de metade.” E quanto aos salários milionários dos jogadores, do mito à realidade a distância é gigantesca: “Os jogadores do Estrela da Amadora estão com seis meses de salários em atraso.” Joaquim Evangelista culpa os dirigentes e o sentimento de impunidade que reina à sua volta. Falta de pagamento, castigos, processos disciplinares abusivos e imposição de *blackouts* são queixas habituais. “Esta profissão teve características quase escravagistas, o clube era

dono do jogador e ainda hoje há fenómenos que revelam esta mentalidade”, à qual o sindicato mostra cartão vermelho. Daí que não só o recurso dos jogadores ao SJFP tenha vindo a crescer como os clubes começam a reconhecer os atropelos e a acatar as decisões. Até porque, dos conflitos não dirimidos no pré-contencioso, cerca de 90% foram ganhos, em tribunal, pelo sindicato — que reúne 80% dos cerca de 1800 jogadores no activo no país. A única forma de exigir respeito e dignidade aos clubes, defende, “é fazer os jogadores unirem forças”. Uma tarefa hercúlea porque “apesar de ser um desporto colectivo o jogador é muito individualista e quando há problemas a classe não está unida”. Em visitas constantes aos balneários, Joaquim Evangelista tenta contrariar este sentimento. Uma sensibilização boca a boca potenciada pela sua matriz genética: “Vim de Bragança e tive, tal como muitos jogadores, um percurso adverso.” É-lhe fácil pôr-se na pele deles e, como cursou Direito, pode ajudá-los. Sente-se bem nas suas funções e completamente à vontade dentro das quatro linhas. O futebol é uma paixão de moço, mais do que as namoradas. Joga-o, até hoje, com o grupo de Direito. Como “não há futebol sem jogadores e não há futebol sem clubes” crê que os clubes já perceberam que estão condenados a entender-se com o sindicato. ■

“A realidade do futebol está a anos-luz da vida de Ronaldo ou de Figo”

Na roleta sindical

Sindicato dos Profissionais de Banca dos Casinos

CONHECE os clientes habituais como se conhece um amigo. “Não lidamos com pessoas, lidamos com sentimentos.” Sabe de cor os passos do veterinário, de jeans sujos, que vai até ao casino depois da ronda pelos partos na serra. Acredita, piamente, que aquelas calças imundas lhe dão sorte. Sabe quando o Sr. Dr. do Norte está mal disposto e é melhor não abrir a boca. Mas é aqui que o papel de pagador de banca entra em conflito com o de psicólogo que a veia de humanidade o obriga a vestir a cada madrugada. Entende-os: “Não há nada que dê a adrenalina que o jogo dá.” Apesar dos 30 anos que leva a encontrar-se, à noite, com ela — a roleta —, ainda não acusa desgaste. Acumula funções de trabalhador no casino de Monte Gordo com a de líder de um sindicato secular. Não por ser vermelho, como um dia lhe chamaram. Lembra-se bem desse dia. A “cunha” que o tentou “meter” no Casino do Estoril disse-lhe que não o queriam porque seria mais um comunista a chatear. Ainda hoje mora no Estoril, paredes-meias com o Casino, o seu local de trabalho natural. Perder empregos é um dos preços do sindicalismo. Mas garante que ser o facto de ser



JOAQUIM EVANGELISTA: “O JOGADOR É INDIVIDUALISTA. NOS PROBLEMAS A CLASSE NÃO ESTÁ UNIDA”

politicamente um homem de centro é compatível com a militância sindical. No dia em que recebeu o Expresso aguardava o processo disciplinar de um trabalhador, uma zanga com um superior — frequentes mas, em regra, dirimidas. No dia-a-dia os problemas são, sobretudo, de ordem técnica e têm a ver com a Lei dos Jogos, dúvida em muitos aspectos. Quezílias com o patrão são raras porque “a nossa profissão está toda enquadrada na lei, a margem de manobra da minha entidade patronal para me impor o que quer que seja sobre a forma de eu exercer a minha profissão é diminuta”. Pese embora esta paz, nos 10 casinos nacionais há uma guerra latente: a luta pela remuneração. Com um horário *contra natura*, das 15 horas às 4h30 da madrugada, consideram que a remuneração fixa não paga o preço de ver a família levantar-se quando eles se deitam. Estes cerca de 800 profissionais de banca (70% dos quais ali sindicalizados) querem, a partir das 22 horas, ser pagos de acordo com o previsto para o trabalho nocturno. As empresas, à excepção dos três casinos da Estoril Sol, têm-se recusado. A luta continua, promete. Sindicalista de alma não repudia tudo o que vem do outro lado, tenta ver a coisa como um todo. “E, como num sacerdócio, defendo princípios e não benefícios pessoais.” ■

JOSÉ VILELA, UM SINDICALISTA PREOCUPADO COM A “PAZ COMPRADA” DO SECTOR



Vontade de ferro

Sindicato Nacional dos Ferroviários Braçais e Afins

CECÍLIA é guarda de Passagem de Nível (PN). Como não tem casa de banho na casinha à beira da linha do comboio, uma necessidade súbita obrigou-a a ausentar-se durante alguns minutos. E atrasou-se a baixar a cancela. O comboio já passava quando o fez. A história é caricata mas o descuido saiu-lhe caro: foi suspensa por 20 dias. “Um castigo duríssimo como não há para outros trabalhadores”, defende o líder do SNFBA, que conta com 700 associados num universo de 5000 trabalhadores. A teoria do sindicalismo pouco interessa a José Vilela e não é, certamente, a política que o faz correr. Ouvido por um grupo parlamentar, onde foi denunciar a promoção, pela CP, dos líderes sindicais das maiores estruturas deste sector perguntaram-lhe directamente: “E você o que quer para

si? Certamente quererá alguma coisa.” Ofendeu-se e garante que não é, de certeza, subscrever acordos que põem em causa postos de trabalho, só para ganhar 1850 euros em vez de 700 — numa alusão ao que aconteceu nos casos que denunciou. “Fui sempre contra as promoções de líderes sindicais, ninguém deve vir para o sindicato para isso.” Foi o único sindicato a não assinar por baixo das tabelas salariais propostas pela CP, para 2009, que “penalizavam os mais desprotegidos”, aqueles que estiveram na génese do seu sindicato (em 1991). A saber: guardas de PN, manobreadores, encarregados de manobra e auxiliares de estação. O acordo dos outros sindicatos deixou passar a tabela. Esperneia e denuncia esta paz “comprada” em que vive agora o sector. O presidente da CP escreveu-lhe contestando, um dos acusados deixou de lhe falar e os outros mal o fazem. Mas os trabalhadores reconhecem-lhe o esforço, diz. É o que lhe basta. ■

JOÃO TEIXEIRA DEFENDE PRINCÍPIOS E NÃO BENEFÍCIOS PESSOAIS, “COMO NUM SACERDÓCIO”

